



AS GREVES DE DURBAN DE 1973: CONSTRUINDO O PODER DEMOCRÁTICO POPULAR NA ÁFRICA DO SUL



Dossiê nº 60
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Em colaboração com o Instituto Chris Hani
Janeiro de 2023

CAPA

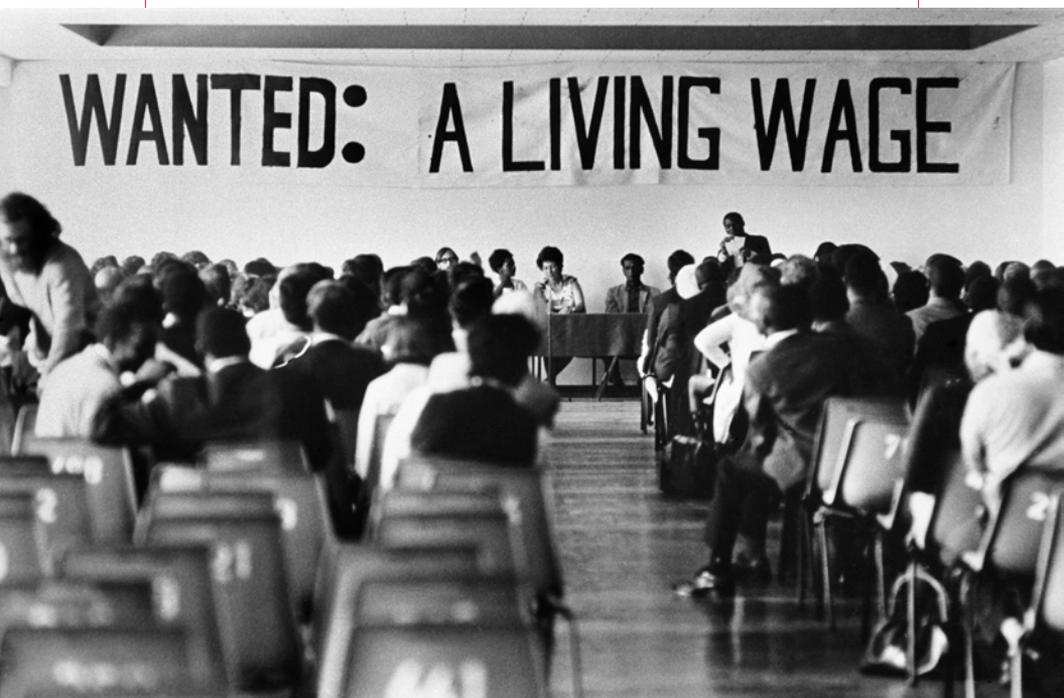
Um grupo de trabalhadores têxteis em greve exige um extra de 5 rands por dia na Consolidated Textile Mill em fevereiro de 1973.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

AS GREVES DE DURBAN DE 1973: CONSTRUINDO O PODER DEMOCRÁTICO POPULAR NA ÁFRICA DO SUL



Dossiê n° 60 | Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Em colaboração com o Instituto Chris Hani
Janeiro de 2023



Trabalhadores do Striking Frame Group se reúnem para um relatório sobre as negociações com a administração em Bolton Hall em 1973.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Muito depois da onda de descolonização que varreu a África, Ásia e a América Latina, dois grandes países - Brasil e África do Sul - permaneceram sob o domínio de sistemas políticos nefastos. A ditadura militar no Brasil (1964-1985) e o regime do *apartheid* na África do Sul (1948-1994) foram combatidos de forma significativa por uma série de forças políticas e sociais. Embora muitas dessas lutas estejam gravadas na memória popular, o papel da resistência dos trabalhadores é pouco conhecido fora dos sindicatos, como se suas lutas fossem marginais para a história da democratização.

No entanto, em ambos os países, as lutas dos trabalhadores foram centrais para derrubar esses regimes odiosos. Na África do Sul, as greves de 1973 na cidade industrial portuária de Durban iniciaram o processo de construção de um movimento sindical militante que, na segunda metade dos anos 1980, faria o regime do *apartheid* camaleão. No Brasil, as greves de 1978-1981 em três cidades industriais da grande São Paulo - Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul - são frequentemente apontadas como um marco do início do fim da ditadura militar. As greves foram lideradas por Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e o atual presidente do Brasil.

Os trabalhadores lideraram o caminho contra formas arraigadas de dominação que não só os exploravam, mas também oprimiam o povo como um todo. As democracias vindouras tiveram como incubadora o chão de fábrica. Este dossiê é uma contribuição para recuperar essa parte da história da África do Sul.

As greves de Durban de 1973 fizeram parte de uma efervescência política mais ampla na cidade no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando se tornou um local de experimentação política e inovação. Os trabalhadores negros tinham uma longa história de organização e mobilização em Durban e seus arredores. Os trabalhadores portuários sul-africanos fizeram uma greve pela primeira vez em 1874, e em 1906 muitos deles, inclusive aqueles que trabalhavam em casas de pessoas brancas, abandonaram seus empregos para se somar à rebelião rural contra um novo imposto. Liderada por Bhambatha kaMancinza, a rebelião tomou a forma de ataques guerrilheiros realizados a partir do santuário da floresta Nkandla, perto de Eshowe, uma pequena cidade ao norte de Durban. Em 1913, trabalhadores indianos em plantações de cana de açúcar, a maioria deles em regime de servidão por contrato [indentured labour], organizaram uma greve massiva. Os trabalhadores portuários em Durban entraram em greve novamente em 1920, e o Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais, formado nas docas da Cidade do Cabo, em 1919, tornou-se uma grande força na cidade no final dos anos 1920 (Tricontinental, 2019). Zulu Phungula, um carismático líder operário, liderou outro período de confronto nas docas de Durban a partir do final da década de 1930.

Em 1930, Johannes Nkosi, um militante dos trabalhadores portuários e uma presença poderosa no Partido Comunista da África do Sul, conhecido pelos trabalhadores como *abantu ababomvu* [o povo vermelho], foi assassinado pela polícia após liderar uma queima pública de cadernetas de passe, os documentos que o governo do *apartheid* exigia que os sul-africanos carregassem consigo para ter

acesso às cidades. Entre 1949 e 1959, os trabalhadores das docas de Durban organizaram outras cinco greves.

Em 12 de agosto de 1946, houve um novo momento de ruptura com a greve em Joanesburgo e arredores, que exigia salários mais altos. A greve resistiu por uma semana diante do terror policial, que matou nove trabalhadores e feriu outros 1.248. Embora a mobilização tenha sido reprimida, ela teve um impacto duradouro nas lutas pela liberdade e provocou uma mudança em direção a um confronto mais direto com o Estado. O Sindicato dos Trabalhadores das Minas Africanas, liderado pelos comunistas e que havia organizado a greve, deu origem ao Congresso Sul-Africano de Sindicatos (Sactu, na sigla em inglês), formado em Johannesburgo em 1955.

O Sactu estava alinhado com o Congresso Nacional Africano (CNA) e procurou conectar a organização sindical com a luta pela libertação nacional. A federação desempenhou um papel de liderança na onda de greves nacionais, que ganharam regularidade e espírito militante no final dos anos 1950. Isso também ocorreu em Durban que, em grande parte, como resultado da tenacidade de seus estivadores, tornou-se um importante núcleo do sindicalismo militante.

A tentativa de excluir os africanos de qualquer presença autônoma na vida urbana era central para a lógica do *apartheid*. As cidades eram vistas como locais da modernidade branca nas quais os africanos só podiam estar presentes como trabalhadores estritamente subordinados e segregados. As leis do passe foram um mecanismo

chave no sistema de opressão que buscou cada vez mais confinar a vida familiar africana a “pátrias” rurais etnicamente delineadas, governadas em nome da “tradição”.

Em 1960, o Congresso Pan-Africanista (CPA), uma facção separatista do CNA, resolveu se opor diretamente ao Estado na aprovação de leis. Na manhã de 21 de março de 1960, cerca de 20 mil pessoas se reuniram fora da delegacia de polícia em Sharpeville, um município da atual província de Gauteng. A tensão cresceu à medida que os jatos de combate voavam baixo sobre os manifestantes. Barricadas foram feitas às pressas, e a polícia abriu fogo sobre a multidão desarmada, assassinando 69 pessoas. Como Frantz Fanon escreveu, o massacre de Sharpeville “abalou a opinião pública [global]” (Fanon, 1976, p. 75). Em 8 de abril, o Estado proscreveu o CNA e o CPA.

Apesar de sua afiliação aberta com o CNA, o Sactu não foi banido e iniciou algumas greves no ano seguinte, sobretudo em Durban, onde enfermeiras do Hospital King George V e trabalhadores da Lion Match Company deflagraram uma greve. Mas em dezembro de 1962, o governo do *apartheid* banuiu 45 funcionários do Sactu e seus sindicatos afiliados, excluindo-os da vida pública, e a federação foi forçada a permanecer na clandestinidade. O sindicalismo negro havia sido em grande parte esmagado.

Por mais de uma década, o poder branco esteve à vontade. A economia cresceu de forma desigual, mas rápida, e o Estado parecia invencível. Um regime autoritário, dentro e fora do chão de fábrica,

bem como o aumento do emprego e do poder aquisitivo dos trabalhadores, resultou em relativo consentimento. Mas em 1969, uma repentina retração econômica produziu retrações e uma erosão nos salários reais que colocaram os trabalhadores negros e suas famílias sob tensão crescente.





Supervisores brancos realizam o trabalho de trabalhadores negros em um mercado em janeiro de 1973.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Novas ideias no Campus

Ao mesmo tempo, surgiram novas formas de dissenso entre funcionários e estudantes do campus de Durban da Universidade de Natal. Inicialmente esse florescimento de criatividade política centrou-se em torno de dois homens carismáticos, Steve Biko e Richard Turner, que usaram seu carisma para permitir uma deliberação coletiva em vez de agir como gurus para seguidores passivos.

Biko, que era do King William's Town (agora eQonce) no Cabo Oriental, estudou no Mariannahill Monastery's St. Francis College, nas cercanias de Pinetown, uma área industrial na extremidade oeste de Durban. Em 1966, aos 22 anos de idade, ele voltou a Durban para estudar medicina na segregada escola de medicina da Universidade de Natal, cujos estudantes eram negros.

Turner era da Cidade do Cabo e tinha concluído um doutorado na Sorbonne em Paris sobre o filósofo Jean-Paul Sartre, cujas ideias também eram importantes para Biko. Ele estava interessado em uma série de outros pensadores, tais como Frantz Fanon, Herbert Marcuse e Karl Marx, e em experiências políticas recentes na China e na Tanzânia, bem como na Iugoslávia, que ele havia visitado nos anos 1960.

Turner propôs uma visão democrática e participativa da sociedade enraizada num marxismo humanista com, escreveu ele, um compromisso específico de “participação popular, baseada no controle dos

trabalhadores” (Turner, 1980, p. 65). Biko, também um humanista radical, recorreu a pensadores como Stokely Carmichael, James Cone, Aimé Césaire, Frantz Fanon, e Kwame Nkrumah (More, 2017). Ele foi um crítico agudo do paternalismo racial do liberalismo branco e insistiu, contra o pensamento de alguns intelectuais brancos da esquerda, que as discussões de classe não deveriam eviscerar a questão da raça.

Turner, Biko, e seus camaradas estavam pensando em Durban em meio a uma convulsão política global. As energias políticas geradas pelo Movimento Black Power nas Américas (dos Estados Unidos a Trinidad e Tobago) estavam no ar, assim como as revoltas de 1968 que abalaram as cidades da Cidade do México e Dakar a Lahore e Rio de Janeiro. As guerras anticoloniais no Vietnã e na Argélia foram uma influência chave na revolta de Paris, onde houve uma aliança entre trabalhadores e estudantes. Como escreve a acadêmica Kristin Ross, isso permitiu “alianças e sincronicidades nunca antes vistas entre setores sociais e entre pessoas muito diversas trabalhando juntas para conduzir seus negócios coletivamente” (Ross, 2002, p. 7).

No mesmo ano, Biko liderou a formação da Organização de Estudantes da África do Sul (Saso, na sigla em inglês), um grupo de estudantes negros. Sediada em Durban, ela incubou ideias que vieram para definir o Movimento da Consciência Negra. Barney Pityana, uma figura líder em Saso, lembrou “longas horas de interação e debate entre amigos” durante as quais Biko “escutou e desafiou ideias à medida que elas surgiam, as concretizava e as trazia de volta para serem melhor desenvolvidas” (Macqueen, 2018, p. 105).

Biko é amplamente conhecido por despertar o engajamento com ideias do Black Power, do radicalismo caribenho e do nacionalismo africano. No entanto, ele é menos conhecido por introduzir as ideias de Paulo Freire na África do Sul, ideias que foram amplamente retomadas por acadêmicos e estudantes radicais em Durban, incluindo Turner, quando ele chegou à cidade em 1970 (Tricontinental, 2020).



Da esquerda para a direita: Desmond Matabela, David Hemson, Joyce Gumede e Harriet Bolton participam de uma reunião de greve em Bolton Hall.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Um retorno à militância trabalhista

Em 1969, os trabalhadores portuários em Durban entraram em greve e foram recebidos com uma rápida repressão à mão armada. Cerca de 2 mil estivadores foram demitidos e forçados a embarcar em trens que os levaram de volta para as áreas rurais. Em 1971, eles ameaçaram deflagrar outra greve. Na vizinha África Sudoeste (atual Namíbia), que era governada pela África do Sul na época, foi organizada uma greve geral em dezembro do mesmo ano, e as greves continuaram até abril de 1972. Ficou claro que o período de tranquilidade no trabalho estava chegando ao fim.

Uma confluência de fatores prejudicou a economia do *apartheid* no início da década de 1970, incluindo uma queda na produção internacional de petróleo, aumento do preço do petróleo e o Federal Reserve Bank dos Estados Unidos desvinculando o dólar dos EUA do padrão ouro. A grande maioria dos lares africanos vivia na pobreza, e um aumento das tarifas ferroviárias agravou a situação.

Em 23 de fevereiro de 1971, mais de 24 mil trabalhadores saíram das fábricas de roupas em Durban e arredores, e muitos participaram de uma reunião massiva realizada no campo esportivo Curries Fountain, um local gravado na história da organização popular. Os empregadores, incapazes de recorrer à ação disciplinar devido à escala da saída, rapidamente concordaram com a demanda dos trabalhadores por um aumento salarial de 20%.

Após a greve nas fábricas de roupas, dois estudantes na órbita de Turner, Halton Cheadle e David Davis, junto com David Hemson, um jovem militante acadêmico e comprometido, procuraram se conectar com a crescente militância trabalhista. O grupo foi abordado por Harriet Bolton, que havia ajudado a organizar a reunião da Curries Fountain e fazia parte do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário (GWIU, na sigla em inglês), um sindicato indiano. Suas tentativas de incluir trabalhadores africanos em sindicatos haviam sido rejeitadas pelos líderes brancos do Conselho Sindical da África do Sul (Tuca, na sigla em inglês). Em 1974, Bolton lideraria a saída da GWIU do conselho. Ela procurou a Turner para obter ajuda e, trabalhando em estreita colaboração com Hemson, decidiram oferecer trabalhos no sindicalismo para estudantes radicais. Os estudantes engajaram trabalhadores e sindicatos de diversas maneiras, inclusive realizando pesquisas relacionadas a salários e produzindo o *Isisebenzi* [O Trabalhador], um jornal que publicou entrevistas com trabalhadores, e artigos mais abrangentes a partir da prática da escuta cuidadosa.

Os trabalhadores portuários entraram em greve novamente em 1972. Ao contrário da ideia de que a militância laboral renovada no início dos anos 1970 era inteiramente “espontânea”, Hemson observou que muitas das cartas e panfletos que apareceram antes e durante a greve “forneceram provas concretas de uma rede subterrânea que não se revelou mesmo quando o sindicalismo aberto começou entre os trabalhadores portuários” (Cole, 2018, p. 180).

Quando os trabalhadores portuários entraram em greve novamente em 1972, eles não estavam apenas desafiando seus chefes brancos: a

greve era também um desafio à autoridade tradicional, que, em uma técnica padrão de dominação colonial, estava integrada à dominação laboral juntamente com a vida africana mais ampla. Em 1972, J.B. Buthelezi, o tio de Mangosuthu Buthelezi, líder da organização nacionalista zulu reacionária Inkatha, viu sua autoridade contestada pelos trabalhadores portuários. Exigia-se saber: “quem é este homem? Quem o elegeu para nos representar?” (Davie, 2015, p. 190). Cheadle, que estava na reunião, lembrou que quando Buthelezi levantou-se para falar pelos trabalhadores, todos vaiaram. “Foi um caos absoluto”. Morris Ndlovu, um estivador, afirmou: “foi nessa reunião que percebemos nosso poder, porque estávamos falando por nós mesmos” (Cole, 2018, p. 179).

A situação chegou a um ponto crítico no início de 1973. Em 9 de janeiro, os trabalhadores africanos nas fábricas de toda a cidade entraram em greve para exigir aumentos salariais, em muitos casos, exigindo que as remunerações dobrassem ou triplicassem. Eles acordaram às três da madrugada e se dirigiram a um estádio de futebol próximo, cantando, enquanto se moviam no trânsito na hora do rush, “Ufil’ umuntu, ufile usadikiza, wamthint’ esweni, esweni usadikiza” [Uma pessoa está morta, mas seu espírito ainda vive; se você cutucar a íris do olho deles, eles ganham vida]. Hemson recordou recentemente esse dia em uma prosa em movimento:

Da madrugada, eles correram dos alojamentos tipo quartel de Coronation Bricks, dos extensos moinhos têxteis de Pinetown, dos complexos municipais, das grandes fábricas, moinhos e plantas e da pequena fábrica de processamento de chá Five Roses.

Os oprimidos e explorados se levantaram e golpearam os patrões e seu regime. Somente no grupo, nos piquetes reunidos, nas reuniões de massa de grevistas sem liderança e nas reuniões de trabalhadores em paralisação, cada indivíduo ganhava uma expressão de confiança (Hemson, 2020).

O momento teve a sensação de uma greve geral e abriu o caminho para os leilões. Escrevendo no início de 1974, Sam Mhlongo, um médico que havia sido preso em Robben Island na adolescência, observou que “essa greve, embora resolvida, teve um efeito detonador” (Mhlongo, 1974, p. 41-49).

Os patrões culpavam “agitadores” e “intimidação” e ameaçavam com severas punições contra os “líderes”. Eles se recusavam a negociar com os trabalhadores, chamaram a polícia de choque, e insistiam para que os trabalhadores elessem um comitê de representantes. Após uma longa história de lutas dos estivadores em Durban, os trabalhadores recusaram a proposta. O rei zulu, Goodwill Zwelithini kaBhekuzulu, chegou a fazer um apelo para a multidão para voltar ao trabalho, prometendo negociar em seu nome. Ele também procurou cinicamente desviar o conflito vertical entre trabalhadores africanos e patrões brancos para um plano mais horizontal, causando divisões entre trabalhadores indianos e africanos (Brown, 2016, p. 84).

No final do mês, trabalhadores em cerca de cem fábricas e outros locais de trabalho entraram em greve, incluindo mais de 6 mil trabalhadores do notoriamente explorador Frame Group, na época uma das maiores empresas têxteis do mundo. Nas palavras de um

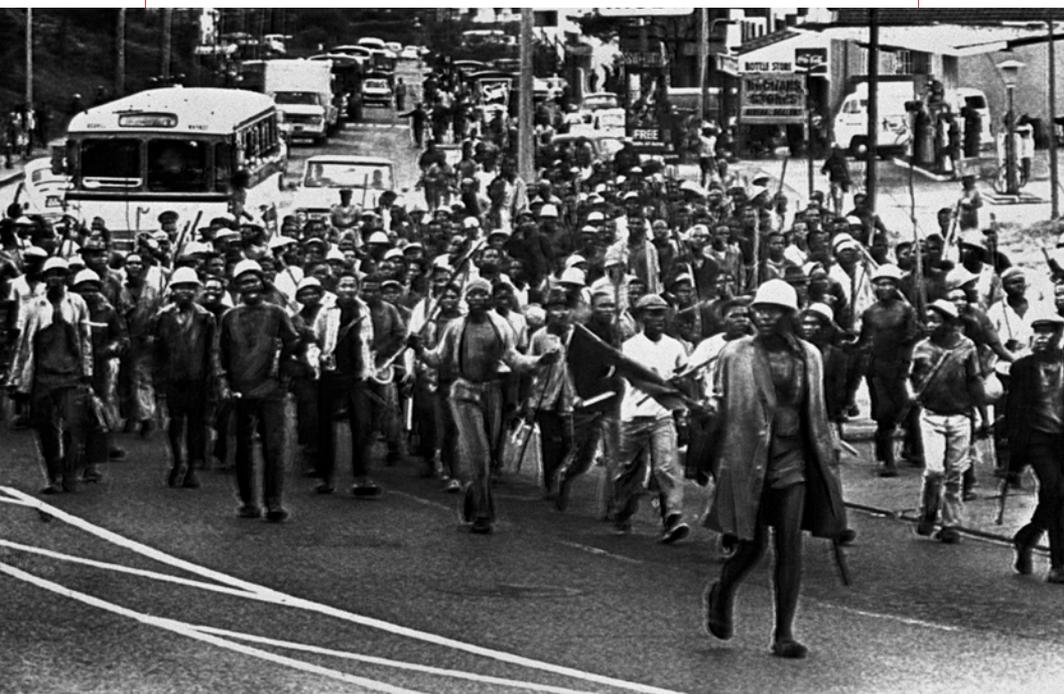
trabalhador, “embora eu faça cobertores para o Sr. Philip Frame, não posso comprar cobertores para meus próprios filhos” (Institute for Industrial Education, 1974). A polícia espancou e deteve alguns dos grevistas, mas, apesar da repressão, as greves se sucederam em cascata em toda a costa e até o interior de Pietermaritzburg, afetando as docas, moinhos, indústria de manufatura e o transporte. Muitos trabalhadores indianos se juntaram às greves, e as exigências consistentes dos patrões de eleger comitês representativos foram recusadas.

Em 5 de fevereiro, 3 mil trabalhadores municipais, africanos e indianos, abandonaram seus postos de trabalho; em 7 de fevereiro, esse número subiu para 16 mil. O trabalho municipal foi classificado como um serviço essencial e, portanto, a greve foi considerada ilegal. O lixo não era recolhido, as sepulturas não eram cavadas e os alimentos terminaram apodrecendo, pois o mercado municipal e o matadouro foram fechados.

Os trabalhadores começaram a marchar pela cidade sob o olhar da polícia nas ruas, e dos helicópteros no ar. A presença de trabalhadores rebeldes nas ruas tornou-se uma presença simbolicamente insurgente na cidade do *apartheid*. No final de março, as estimativas do número de trabalhadores que haviam entrado em greve variavam de 65 mil a 100 mil em mais de 150 fábricas e locais de trabalho.

Os sindicatos foram formados rapidamente nas indústrias química, de vestuário, metalúrgica e têxtil. Quando os trabalhadores começaram a se sindicalizar, houve um terrível incidente em Prilla Mills, em Pietermaritzburg, onde o brutal regime trabalhista se enraizou

no abuso sexual sistêmico, bem como no trabalho infantil (que era muito incomum na África do Sul urbana). Princess Osman, a principal organizadora dos moinhos, foi atacada a caminho de casa e seu rosto desfigurado com ácido (Hemson, 1990).



Trabalhadores da Coronation Brick marcham ao longo da North Coast Road em Durban, liderados por um trabalhador agitando uma bandeira vermelha.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Educando os educadores

As greves começaram com uma afirmação de humanismo, com uma linha política que excedeu a demanda por aumentos salariais. Havia também indícios de uma notória conexão com a luta de libertação nacional, com trabalhadores cantando Nkosi Sikelel' iAfrika [Deus abençoe a África], um hino cristão que havia se tornado um hino para a nação que estava sendo forjada na luta. Como Hemson observou, “os trabalhadores começaram a falar sobre o Congresso [Nacional Africano]. Se você fosse às suas casas à noite, eles retiravam as tábuas do chão e tiravam de lá os antigos panfletos do CNA [escondidos]” (Hemson, 1990).

Edward Webster, que chegou a Durban em fevereiro de 1973 para assumir um posto acadêmico, lembrou que a classe trabalhadora “não era uma tabula rasa coletiva esperando que os intelectuais brancos lhes dissessem o que pensar. Eles tinham sua própria história e tradições políticas (...), [incluindo] a tradição política nacional [que] tinha raízes profundas em Durban e em seus arredores” (Webster, 2022). Entretanto, alguns intelectuais universitários não conseguiram entender que os trabalhadores tinham entrado em aberta contestação com suas próprias histórias e ideias políticas. Essa tendência, que permanece comum hoje, é exemplificada pela reação de um influente acadêmico radical, branco, a uma pesquisa com os trabalhadores. Quando os resultados da pesquisa mostraram que Moses Mabhida, um sindicalista e comunista que havia se exilado uma semana após o massacre de Sharpeville em 1960,

era um de seus líderes mais respeitados, o acadêmico declarou que tal pessoa não existia e que a pesquisa deveria ter sido fabricada (Webster, 2022).

As conexões com o movimento de libertação nacional não estavam apenas no nível das ideias; havia também conexões pessoais. Por exemplo, Harold Nxasana, um ex-militante do Sactu e prisioneiro político que era ativo no meio trabalhista no início dos anos 1970, foi empregado em uma das organizações criadas por radicais universitários para servir ao movimento trabalhista.

Hemson observou que Turner e Biko, e muitos de seus seguidores, não compreenderam o poder duradouro da luta de libertação nacional e seus laços estreitos com o CNA. Entretanto, nos anos seguintes, vários estudiosos passaram a reconhecer que essa tradição manteve uma forte presença entre os trabalhadores. Como resultado, o compromisso dos trabalhadores com a tradição do CNA nos anos 1970 é agora muito melhor compreendido.

A tendência, já de longa data, de ignorar as ricas tradições políticas entre os oprimidos ressalta que “é essencial educar o próprio educador”, como Karl Marx (1845) escreveu em Teses sobre Feuerbach. Hemson fez uma observação importante sobre isso:

Na verdade, os “professores” tinham muito a aprender sobre: a militância das mulheres trabalhadoras; as redes existentes no local de trabalho e na sociedade; a lealdade subjacente ao CNA quando havia a oportunidade de expressá-la com segurança; o espírito da Montanha (da resistência armada

rural contra a chefia em Pondoland); a militância de muitos trabalhadores migrantes; como lutar por reformas sem se tornar reformista; como exercer liderança sem tutela; e que abordagens adotar para manter o controle dos trabalhadores sobre a liderança no sindicato (Hemson, 2020).

Vusi Shezi, que passou a ser um organizador do Sindicato Nacional dos Metalúrgicos da África do Sul (Numsa) e cuja frustração com o tratamento que a administração deu a ele e a seus colegas de trabalho o levou a juntar-se às greves de 1973, também falou das motivações anticoloniais mais amplas por trás das greves, lembrando um evento em que sua perspectiva anticolonial o colocou em apuros com os chefes que, por sua vez, moveram-no para um posto de trabalho mais exigente:

Eu estava trabalhando no turno da noite (...) Estava dizendo para mim mesmo: “estou perdendo meu tempo e não estou estudando. Se eu estivesse usando esse tempo para estudar (...) mas eu não tenho livros” (...). Depois comecei a escrever no big trolley (...) pegando um pedaço de giz, o que sabia sobre a chegada dos brancos a partir de 1652 e como a África do Sul foi colonizada (...). Infelizmente, esqueci de limpá-lo. Então, na manhã seguinte, a alta administração viu. Eles viram esse carrinho com um mapa muito bom da África, e alguns antecedentes do colonialismo, com um pouco de ataque ao governo do *apartheid* e reclamações sobre os líderes negros que foram presos (Davie, 2015, p. 195).

Mas, é claro, os compromissos duradouros com a luta nacional não ofuscaram o fato de que os salários eram uma questão criticamente importante nas greves de 1973. Em uma declaração no calor das greves, um trabalhador declarou: “a criança que não chora morre (...); devemos chorar por nós mesmos por trabalhar com fome” (Brown, 2016, p. 94). Outro observou: “nossos chefes andam de Mercedes, mas seus trabalhadores não têm nem mesmo macacão para trabalhar” (Davie, 2015, p. 194). Outros trabalhadores relataram que tiveram que recorrer a agiotas para passar o mês. Os chefes, a mídia branca em Durban e os nacionalistas afrikaner que detinham o poder estatal abandonaram em grande parte suas fantasias simultaneamente paranoicas e reconfortantes sobre “agitadores”, “complôs comunistas” e “influência ultramarina” e se estabeleceram na ideia de que as greves eram estritamente sobre salários e não sobre um projeto político mais amplo.

Relatórios sobre as greves do Instituto de Educação Industrial fundado por Turner e outros em maio de 1973 e na revista *Black Review*, uma publicação iniciada por Biko no mesmo ano como um projeto de Programas Comunitários Negros, também consideraram as greves em termos exclusivamente econômicos, como uma questão salarial (Institute for Industrial Education, 1974). O historiador Julian Brown argumentou que tal entendimento provavelmente fez com que o Estado não empregasse o recurso da violência intensa e repressão em larga escala que havia sido empregado anteriormente contra mobilizações de massa. Essa percepção gera outra: pode ter sido taticamente útil para os trabalhadores evitar questões

diretamente políticas publicamente enquanto sustentavam uma compreensão mais política no âmbito mais privado.

Brown também observa que as elites brancas frequentemente viram a greve em termos étnicos, como um resultado de uma história e cultura zulu específicas. Mas é claro que, como ele observa, as greves incluíram trabalhadores indianos e africanos, e africanos de várias etnias, incluindo os trabalhadores de Pondo e Shangaan. Além disso, a interpretação das greves por meio de uma compreensão masculinista da cultura zulu dificilmente poderia explicar as muitas mulheres que assumiram a dianteira, incluindo as mulheres indianas em algumas fábricas.

Hemson lembrou ao público contemporâneo que Turner cometeu um erro político fundamental ao se alinhar com a organização etnicamente constituída e reacionária Inkatha que, segundo ele, foi mal interpretada por Turner como um movimento potencialmente progressista dos pobres rurais. Em contraste, ele observa que Biko foi muito claro sobre o caráter colaboracionista da Inkatha. Nos anos 1980, o Inkatha atacaria violentamente o movimento trabalhista e, em 1989, assassinaria uma de suas grandes mulheres líderes, a delegada sindical do Numsa, Jabu Ndlovu.

Alguns trabalhos acadêmicos atribuíram, explícita ou implicitamente, as práticas coletivas deliberativas e os compromissos democráticos formais que emergiram das greves de Durban e caracterizaram o movimento sindical durante décadas ao envolvimento de intelectuais em sua maioria brancos inspirados pela Nova Esquerda na Europa Ocidental e na América do Norte. Essa perspectiva

eviscera uma história bem conhecida de práticas coletivas de busca de consenso deliberativo enraizado na vida rural que há muito moldou uma miríade de lutas de trabalhadores. Essa história está bem descrita no trabalho de T. Dunbar Moodie e Vivienne Ndatshe sobre os trabalhadores migrantes nas minas de ouro de Johannesburg (Moodie; Ndatsche, 1994). Nelson Mandela a ressaltou em sua Declaração do Porto, em 1962, quando argumentou que as “sementes da democracia revolucionária” estavam nos conselhos, conhecidos como Pitso, Imbizo, ou Kgotla, por meio das quais as comunidades rurais, seguindo práticas pré-coloniais, governavam a si mesmas (Mandela, 1994, p. 64). Descrevendo as práticas nesses conselhos como “democracia em sua forma mais pura”, Mandela explicou que, ali, todos poderiam falar, e “as reuniões continuariam até que algum tipo de consenso fosse alcançado” (Mandela, 1994, p. 64).

Esta busca coletiva e cuidadosamente deliberativa de consenso continua sendo uma força constitutiva no movimento contemporâneo formado pelos pobres urbanos, Abahlali baseMjondolo [que significa “moradores de favelas”], que surgiu em Durban, em 2005, e hoje conta com mais de 100 mil membros. O mesmo se aplica ao humanismo africano plasmado no momento da ruptura no chão de fábrica em Durban, em 1973, tal como foi poderosamente expresso por Emma Mashinini, uma importante sindicalista dos anos 1980: “Eu sou humana. Eu existo. Eu sou uma pessoa completa” (Mashinini, 2012, p 27). Os oprimidos não entram no terreno político sem compromissos, práticas e memórias éticas e políticas pré-existentes.

O caráter democrático do movimento operário que surgiu do Momento Durban é melhor entendido como um encontro produtivo, o que Fanon chamou de “uma corrente mútua de iluminação e enriquecimento” entre intelectuais formados em universidades e a militância operária (Fanon, 1976, p. 143).



Zulu King Goodwill Zwelithini kaBhekuzulu fala aos trabalhadores da Coronation Brick em Durban North, janeiro de 1973.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Após o momento Durban

Em março de 1973, Biko e Turner foram ambos postos na ilegalidade, o primeiro exilou-se em sua cidade natal no Ciskei Bantustan e o segundo para sua casa em um subúrbio branco da classe trabalhadora de Durban. Hemson, que havia ajudado a fundar sindicatos de trabalhadores das docas, do setor de produção de móveis e dos metalúrgicos nos primeiros três meses de 1973, foi colocado na clandestinidade no ano seguinte.

Em 25 de setembro de 1974, a Saso organizou um comício na Curries Fountain em solidariedade com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), cuja luta pela independência em Moçambique estava próxima de sua conclusão. O evento foi proibido na véspera, mas 5 mil pessoas apareceram e a atmosfera de resistência era contagiante. A polícia interrompeu o comício e nove ativistas da Saso foram presos, julgados e encarcerados. As prisões puseram fim ao período de inovação política que o acadêmico Tony Morphet chamou famoso “Momento Durban” (Morphet apud Turner, 1980). Em setembro de 1977, Biko foi assassinado pela polícia, e Turner foi morto em janeiro do ano seguinte.

Após os sucessos das greves de 1973, os trabalhadores tornaram-se cada vez mais conscientes de sua posição como o proletariado industrial que impulsiona a economia industrial. Eles estavam mais conscientes de seu poder e do fato de que os empregadores não podiam demitir facilmente grandes setores da força de trabalho

semi-qualificada. Além disso, mais mulheres começaram a surgir como líderes sindicais: em 1975, Emma Mashinini fundou o Sindicato Sul-Africano dos Trabalhadores Comerciais, Restaurantes e Aliados (Saccawu, na sigla em inglês) em Joanesburgo, e Jabu Ndlovu se tornaria uma liderança poderosa no Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos e Aliados (Mawu, na sigla em inglês) e depois no Numsa, nos anos 1980.

Em junho de 1976, uma série de protestos liderados por crianças de escolas negras contra a educação do *apartheid* e o sistema mais amplo de opressão foi recebida com uma repressão assassina. A revolta do Soweto, como veio a ser conhecida, deslocou o principal foco de resistência para Johannesburg e desencadeou uma virada nacional em direção a revoltas mais abertas. Em 1979, os sindicatos negros foram legalizados, e muitos dos que surgiram após o Momento Durban se reuniram por meio da Federação dos Sindicatos da África do Sul (Fosatu, ns sigla em inglês) em Hammanskraal, ao norte de Joanesburgo.

A Fosatu estava comprometida com o controle dos trabalhadores sobre os sindicatos e sobre o chão de fábrica, bem como com a capacitação e a educação dos delegados sindicais. Havia uma nítida sensação de que a democracia que estava sendo desenvolvida no movimento trabalhista se tornaria, com o tempo, o núcleo para a democratização da sociedade. Isso foi expresso na palavra de ordem “Construir o amanhã hoje” (Friedman, 1987). Como o Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais anterior, a Fosatu empreendeu um trabalho cultural impressionante, incluindo a organização de teatro, poesia e projetos com corais. Mais uma vez houve

conexões produtivas entre militantes de base e intelectuais formados na universidade. Ari Sitas, um acadêmico de Durban, desempenhou um papel importante no fomento ao trabalho cultural e na inovação dos sindicatos. Alfred Temba Qabula, um trabalhador migrante da eMpondweni que tinha participado, quando jovem, da revolta camponesa de 1959 conhecida como a Rebelião Pondo e se somou a Mawu enquanto trabalhava na fábrica de Durban Dunlop no início dos anos 1980, tornou-se conhecido entre os sindicatos e o movimento progressista mais amplo como um renomado poeta.

Um famoso discurso, debatido e redigido por muitos e proferido em 1982 pelo Secretário-Geral da Fosatu, Joe Foster, deu um forte argumento a favor da autonomia organizacional do trabalho em relação ao movimento de libertação nacional: “os trabalhadores devem se esforçar para construir sua própria organização poderosa e eficaz, mesmo quando fazem parte da luta popular mais ampla. Essa organização é necessária (...) para garantir que o movimento popular não seja sequestrado por elementos que, no final, não terão outra opção a não ser se voltarem contra seus apoiadores trabalhadores” (Foster, 1982).

Embora a Fosatu fosse uma força poderosa, era incapaz de unir todos os sindicatos em uma federação. O primeiro momento de unidade em ação no movimento operário progressista ocorreu quando o médico radical e sindicalista Neil Aggett, um militante do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação e Conservas da África, foi assassinado em 1982, enquanto estava sob custódia policial. Em resposta, os sindicatos de todo o país entraram em greve,

abrindo novas possibilidades para forjar a unidade mais ampla que estava por vir.

A historiadora Jabulani Sithole escreve que a Sactu começou a encorajar seus “agentes clandestinos a infiltrar-se neles [sindicatos] com o objetivo de miná-los a partir de dentro, se fossem considerados reacionários, ou a fim de assumi-los, se fossem considerados progressistas” (Sithole, 2009, p. 231). Entre 1981-1985, os operadores subterrâneos da Sactu, Samuel Bhekuyise Kikine, Thobile Mhlahlo, Sydney Mufamadi, Samson Ndou, Themba Nxumalo, Matthew Oliphant e outros participaram da construção da unidade entre uma série de sindicatos.

Os altos níveis de organização construídos primeiramente no chão de fábrica começavam a chegar em toda a sociedade. Em 20 de agosto de 1983, a Frente Democrática Unida (FDU) foi lançada em Mitchells Plain, Cidade do Cabo. Centenas de organizações tornaram-se filiadas à FDU, incluindo sindicatos; organizações de jovens, mulheres e estudantes; grupos religiosos; e associações profissionais. Em um famoso discurso de 1987, o líder da FDU, Murphy Morobe, afirmou seu compromisso com a democracia radical em termos claros: “estamos falando de representação política direta em oposição à indireta, participação das massas” (Morobe, 2018). Muitos comentaristas que estavam na FDU ou próximos a ela argumentaram que suas práticas democráticas formalmente organizadas foram extraídas de experiências sindicais.

Entretanto, a relação entre a UDF e o movimento sindical não foi tranquila. Havia um grau significativo de desconfiança entre os

sindicatos alinhados com a FDU e os sindicatos da Fosatu que permaneceram independentes. Isso levou ao debate entre duas facções da intelligentsia radical, que se descreviam uma à outra (mas não a si mesmas) como “operárias” ou “populistas”. Os operários queriam que o movimento sindical permanecesse independente do CNA para que ele pudesse sustentar a autonomia do poder organizado da classe trabalhadora em relação ao movimento de libertação nacional multiclassista. Os populistas viam a supremacia dos brancos como o principal problema enfrentado pelos negros de todas as classes e queriam mobilizar o máximo de unidade na luta pela libertação nacional.

Os operários dominaram Fosatu até 1985, quando uma nova e muito maior federação - o Congresso dos Sindicatos da África do Sul (Cosatu, na sigla em inglês) - foi formada e lançada em Durban, em Curries Fountain, após um processo de cúpulas e reuniões em busca da unidade que havia começado em 1981. O equilíbrio de poder havia se deslocado para os populistas. A Fosatu se dissolveu na Cosatu, que se aliou explicitamente com a FDU, e mais tarde, com o CNA.

Mas, notavelmente, a expressão da tradição nacional associada ao CNA e agora expressa na Cosatu tinha, em aspectos importantes, sido moldada pelo Momento Durban, incluindo ideias de controle do trabalhador e da Consciência Negra. Jay Naidoo, o primeiro secretário geral da nova federação, lembra-se de ter sido radicalizado em uma agitada reunião pública liderada por Biko em um bairro indiano de Durban (Naidoo, 2010, p. 33-34). A Cosatu rapidamente se tornou extraordinariamente poderosa nos locais de

trabalho e na sociedade em geral e, juntamente com a FDU, fez contribuições significativas e decisivas para o colapso do regime do *apartheid*.

Em 1990, o Estado do *apartheid* começou a admitir que uma mudança em direção a alguma forma de democracia - limitada, é verdade, à democracia liberal - era inevitável. O estudioso ugandense Mahmood Mamdani argumentou que “a força mais importante para essa mudança não foi a luta armada, nem a política de exílio, nem o movimento de boicote internacional”, mas sim o trabalho político dos “ativistas estudantis de todas as cores e por mão-de-obra migrante e da cidade” (Mamdani, 2020, p. 164).

A política popular democrática com suas raízes nas greves de Durban não foi totalmente esquecida, uma vez que o *apartheid* deu lugar a uma nova ordem. Como Mashinini insistiu, “Quando elegemos líderes para serem representantes públicos, não queremos dizer que eles tenham direitos divinos para nos governar”. Eles são servidores do povo e devem aceitar que temos o direito de criticá-los. Foi o que aprendemos com as trincheiras da luta trabalhista que deram um golpe fatal ao *apartheid*” (Mashinini, 2012, p.xvii).

Entretanto, as esperanças socialistas dos sindicatos deram lugar a decepções profundas resultantes da acomodação entre o capital, o poder branco e as elites nacionais. Como Qabula (2016), a voz mais convincente entre os poetas trabalhadores, lamentou: “Slovo e Hani viram vermelho por toda parte (...) Mas Tutu e os Bispos (...) viram arco-íris” (p. 87). Em 2002, ele morreu na pobreza, como tantos

outros que estavam na linha de frente da luta. Ele deixou essas marcantes linhas:

nós somos as escadas móveis
que levam as pessoas para os céus,
deixado aberto para a chuva
deixado com as lembranças dos gases lacrimogêneos, ofegantes para respirar (Qabula, 2016, p. 86).

As greves de Durban, e as lutas dos trabalhadores que construíram um poderoso movimento sindical em seu rastro, não receberam o lugar que lhes cabia na memória oficial. Hoje, eles são raramente lembrados fora dos círculos sindicais.

As batalhas às vezes amargamente pessoais e sectárias que têm sido travadas em jornais acadêmicos sobre quais as forças políticas - operários, populistas, ativistas da Consciência Negra, intelectuais brancos, ou operacionais no CNA subterrâneo - devem ser creditadas tanto para o momento mais amplo de Durban como para a construção do movimento sindical pós-greves não têm ajudado. Pelo contrário, essa contestação muitas vezes tomou a forma de uma batalha intra-elite.

Os trabalhadores que construíram formas democráticas de contrapoder de dentro de uma sociedade profundamente opressiva, acabando por derrubar esse sistema, raramente recebem pleno reconhecimento e respeito. Sua história ainda aguarda um relato adequado.





Um setor da multidão impressionante de trabalhadores da Coronation Brick em Durban North, janeiro de 1973.

Crédito: Coleção David Hemson, Biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo.

Bibliografia

Black Community Programmes. Black Review. Durban: Black Community Programmes, 1974.

Brown, Julian. The Road to Soweto: Resistance and the Uprising of 16 June 1976. Johannesburg: Jacana, 2016.

Callebert, Ralph. On Durban's Docks: Zulu Workers, Rural Households, Global Labour. Rochester: University of Rochester Press, 2018.

Cole, Peter. Dockworker Power: Race and Activism in Durban and the San Francisco Bay Area. Champagne: University of Illinois Press, 2018.

Davie, Grace. Poverty Knowledge in South Africa: A Social History of Human Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

Dunbar Moodie, T.; Ndatshe, Vivienne. Going for Gold: Men, Mines and Migration. Berkeley: University of California Press, 1994.

Fairburn, Jean. Flashes in Her Soul: The Life of Jabu Ndlovu. Johannesburg: Fanele, 2018.

Fanon, Frantz. The Wretched of the Earth. London: Penguin, 1976.

Foster, Joe. The Workers' Struggle: Where Does Fosatu Stand? Durban: Fosatu Printing Unit, 1982.

Friedman, Steven. *Building Tomorrow Today: African Workers in Trade Unions 1970–1984*. Johannesburg: Ravan Press, 1987.

Hemson, David. *Class consciousness and migrant workers: dock workers of Durban*. PhD diss., University of Warwick, 1979.

Hemson, David. 'Freedom's Footprints: Freire and beyond'. *New Frame*, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.newframe.com/long-read-freedoms-footprints-freire-and-beyond/>.

Hemson, David. *The 1973 Natal Strike Wave: How We Rebuilt the Unions*. Durban: Congress Militant, 1990.

Institute for Industrial Education. *The Durban Strikes 1973: Human Beings with Souls*. Durban: Institute for Industrial Education, 1974.

Macqueen, Ian. *Black Consciousness and Progressive Movements under Apartheid*. Pietermaritzburg: UKZN Press, 2018.

Mamdani, Mahmood. *Neither Settler Nor Native*. Johannesburg: Wits University Press, 2020.

Mandela, Nelson. *Long Walk to Freedom: The Autobiography of Nelson Mandela*. New York: Little, Brown & Company, 1994.

Marx, Karl. *Theses on Feuerbach*. 1845. <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1845/theses>.

Mashinini, Emma. *Strikes Have Followed Me All My Life*. Johannesburg: Picador, 2012.

Mhlongo, Sam. 'Black Workers' Strikes in South Africa'. *New Left Review* 1, n. 83 (jan.–fev. 1974), p. 41–49.

More, Mabogo. *Biko: Philosophy, Identity and Liberation*. Pretoria: HSRC Press, 2017.

Morobe, Murphy. 'Towards a people's democracy: The UDF view'. *New Frame*, 15 nov. 2018. Disponível em: <https://www.newframe.com/archive-towards-peoples-democracy-udf-view/>.

Naidoo, Beverly. *Death of an Idealist: In Search of Neil Aggett*. Johannesburg: Jonathan Ball, 2012.

Naidoo, Jay. *Fighting for Justice*. Johannesburg: Picador, 2010.

Qabula, Alfred Temba. *A Working Life: Cruel Beyond Belief*. Johannesburg: NUMSA, 1989.

Qabula, Alfred Temba. *Collected Poems*. Cape Town: South African History Online, 2016.

Qabula, Alfred Temba; Mi S'dumo Hlatswayo; Nise Malange. *Black Mamba Rising: South African Worker Poets in Struggle*. Durban: Worker Resistance and Culture Publications, 1986.

Ross, Kristen. *May '68 and its Afterlives*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

Sithole, Jabulani. 'Contestations Over Knowledge Production or Ideological Bullying?: A response to Legassick on the Workers' Movement'. *Kronos* 35, n. 1, 2009, p. 222–241.

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Uma breve história do Sindicato de Trabalhadores Industriais e Comerciais da África do Sul (1919-1931). Dossiê 20, 3 set. 2019.

<https://thetricontinental.org/pt-pt/uma-breve-historia-do-sindicato-de-trabalhadores-industriais-e-comerciais-da-africa-do-sul-1919-1931/>

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Paulo Freire e as lutas populares na África do Sul. Dossiê 24, 9 nov. 2020.

<https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-34-paulo-freire-e-africa-do-sul/>

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Programas da Comunidade Negra: a manifestação prática da filosofia da Consciência Negra.

Dossiê n. 44, 10 set. 2021. <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-programa-da-comunidade-negra/>.

Turner, Richard. *The Eye of the Needle: Towards participatory democracy in South Africa*. Johannesburg: Ravan Press, 1980.

Webster, Edward. "Exodus Without a Map": What Happened to the Durban Moment?. *SA History Online*, 2022.

Disponível em: <https://www.sahistory.org.za/archive/exodus-without-map-what-happened-durban-moment-edward-webster>.



Atribuição-NãoComercial 4.0
Internacional (CC BY-NC 4.0)

Esta publicação está sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). O resumo legível da licença está disponível em <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>.



tricontinental
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

